

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira. Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

Guião – Orla do bosque

Jogo de exclusão/estatísticas

Fight, Cool e Optimista estão na praça reunidos ao centro com os pés a tocarem-se no ponto central. Esperam para começar a jogar ao 'calca'. Cool vai fazendo uns "ensaios", tirando o pé e voltando a pô-lo.

A Mentira entra por B com um tabuleiro nas mãos.

TODOS – Ah, até que enfim! / Finalmente!

A Mentira junta-se com eles ao centro. Olha em volta à procura de sítio para pousar o tabuleiro. Vira-se para o Optimista e coloca-lhe o tabuleiro nas mãos.

Mentira – Desculpa... é só... um bocadinho... O.K.! Um, dois, três!

Todos saltam para trás. Começa o jogo do 'calca'. A Mentira tenta pisar o Optimista mas desiste pois ele não tem condições de fugir. Acaba por pisar a Cool que grita. Voltam a reunir-se ao centro.

Mentira – O.K.! Um, dois, três!

Saltam. A Mentira persegue o Fight, este a Cool e esta a Mentira. O Fight acaba por pisar a Cool que grita mais alto. Voltam a reunir-se ao centro. O Optimista, que não consegue pisar nem ser pisado, tenta entusiasmar os outros.

Optimista – Vai, vai, vai!

Os outros três olham para ele. Viram-se de costas trocando de pé.

Mentira – Um, dois três!

Saltam. Optimista tenta saltar como eles e acaba por ficar de costas. Fight e Cool avançam para pisar a Mentira, mas Fight acaba por pisar a Cool no caminho. Cool grita ainda mais alto.

Fight – Outra!

Do jogo do 'calca' ao 'cai-cai':

ORADOR - Um imperador romano contempla o Coliseu acabado de estrear. Nesse momento, aquela construção é para ele eterna. Nunca imaginará as ruínas onde hoje se passeiam os turistas.

É compreensível essa incapacidade de conceber a ruína do que vê: para o imperador, o império representa a perfeição, tal como ele a conhece e concebe.

Para ele, o coliseu jamais cairá.

De facto, naquele momento, Roma é a capital do desenvolvimento económico, social e "científico". Cobriu de estradas a Europa, criou leis e calendários, absorveu culturas e impérios. Empurrou os Bárbaros para fora dos seus limites, conservando alguns como escravos.

A história pertence ao imperador e a fé no progresso é inabalável.

O futuro é um dado adquirido.

O futuro afirma-se em cada nova conquista, no sistema de numeração, na organização dos exércitos, nos banhos, nas cidades e nos

Mentira – Bora!

Voltam a reunir-se ao centro. Optimista ainda está a virar-se para a frente.

Mentira – Vai!

Antes que o Optimista consiga colocar o pé ao centro, eles saltam. Fight persegue a Cool. Ela acaba por tropeçar na perna do Optimista, que não se mexeu. Fight pisa-a, ela grita desesperada.

Fight – AH!

Mentira – O.K. Bora. (reunem-se ao centro) Vai!

Eles saltam. Fight volta a perseguir a Cool. Ela foge e sem reparar aproxima-se do Optimista, que ainda não se mexeu. Este aproveita e pisa-a por trás.

Cool (cheia de dôr) – AH!

Fight (indignado) – Então??!!

Fight aproxima-se da Cool para ver se ela está bem. Ela esfrega o pé e olha acusadoramente para o Optimista, a Mentira afasta-se suspirando. O Optimista não percebe porque estão todos contra ele.

Mentira (dobrando-se e colocando-se em posição de eixo) – Vai. Daqui!

Os outros põem-se em linha para saltar, o optimista no fim sempre com o tabuleiro. O jogo do eixo avança, aos gritos de "Vai! Eu!" (Mentira), "Vou! Tou!" (Fight), "Vai! Vou!" (Cool). O optimista grita "Eu!" quando tenta saltar, mas o eixo levanta-se quando ele está quase a saltar. Na terceira vez que a Mentira se coloca como eixo, o Optimista corre ao lado do Fight, tentando saltar ao mesmo tempo que ele. A Mentira apercebe-se e levanta-se bruscamente.

Mentira – OOOHHH!

Eles param. A Mentira avança em direcção ao Optimista, furiosa, e ele recua sem perceber o que fez de mal. A Mentira vira-lhe as costas e regressa devagar. O Fight e a Cool vão até ao tabuleiro e tiram duas garrafas para beber. Antes que as abram, a Mentira regressa junto do Optimista, retira do tabuleiro uma bola Mc Donalds e vira-lhe novamente as costas.

templos...

Talvez por crescerem sobre as ruínas do anterior dominador, os vários impérios crescem na convicção de que o patamar da perfeição absoluta é este que desenham. E que o progresso está para sempre encerrado nas definições seguras de quem logrou destituir o anterior amo.

E de amo em amo, construímos a História.

Para todos, o declínio começa com essa atitude arrogante, com esse momento em que o conforto do poder retirou as incertezas ao futuro: quando já se está tão seguro de que o fim não existe, a necessidade de ousar, de repensar, de ver o avesso morre.

Roma foi a capital de um sistema engenhoso e a vários níveis genial, de organização dos vários espaços: social, cultural, urbano, religioso, ...

Mentira (para os outros dois, erguendo a bola no ar) – O.K.! Aquele do... (cantarola a música da bolinha de sabão e imita a bola a passar).

Fight e Cool percebem qual é o jogo e voltam a pôr as garrafas no tabuleiro. Formam uma roda. O Optimista não percebeu mas diz que sim e tenta fazer parte da roda.

Mentira – O.K.! Um, dois... (vê que o optimista vai tentar jogar com o tabuleiro e dá uma risada. Fight e Cool acompanham)... três!

Fight, Cool e Mentira (enquanto passam a bola) – Cai, cai, balão! Cai, cai, balão! Bolinha de sabão...

Optimista (pensando que já apanhou a música, entra fora de tempo) – Cai, cai...

Os outros (tom furioso) – Não cai, não! Não cai, não! Não cai, não! (retomam o tom doce) Cai aqui na minha mão! Cai, cai, balão! Cai, cai, balão! Bolinha de sabão! (o Optimista faz uma tentativa de apanhar a bola quando ela passa, mas não consegue. Vai cantando como os outros) Não cai, não! Não cai, não! Não cai não! (o optimista estica uma mão para apanhar a bola, acabando por a deitar ao chão).

Optimista (sozinho, enquanto os outros olham com reprovação) – Cai aqui na minha mão.

Os outros (fazendo sinais uns aos outros e voltando a passar a bola) – Cai aqui na minha mão! Cai, cai, balão! Cai, cai, balão...

A Cool finge que vai passar a bola ao Optimista, mas atira-a de propósito para longe. O Optimista tenta apanhá-la e acaba por deixar cair uma lata no chão.

Fight – Pronto!

Cool – OH!

Mentira – Já sabia!

Optimista (embaraçado) – Vamos jogar ao...

Mentira (interrompendo) – Vamos lanchar?

Fight e Cool acolhem com agrado a sugestão. Fight apanha a lata que caiu no chão e dirige-se à árvore. Cool e Mentira vão até ao tabuleiro. Cool hesita entre duas bebidas, acaba por tirar uma e vai sentar-se num baloiço. A Mentira segura no tabuleiro; o optimista aproveita a oportunidade, tira um pacote de batatas fritas e vai sentar-se num baloiço. A Mentira tira a última bebida e uma revista Cosmo do fundo tabuleiro. Pousa-o no terceiro baloiço e vai sentar-se mais longe, em frente ao orador.

Do 'vamos lanchar' ao abrir dos pacotes:

ORADOR - É esse desenvolvimento e essa capacidade inventiva que nos permitem hoje rasgar os céus com perfeitas torres de vidro com dezenas de pisos.

Hoje como então, quando o Presidente do Conselho de Administração de uma qualquer multinacional espreita a cidade do escritório instalado no último andar de um arranha-céus em Wall Street, não imagina que o brilho espelhado da construção se afundará com o tempo.

Também para ele é inconcebível a

| inevitabilidade da ruína.

Eles abrem as bebidas e o pacote de batatas ao mesmo tempo. Começam a trocar comentários sobre os lanches. A Mentira lê em silêncio.

Do abrir dos pacotes às estatísticas:

ORADOR - Todos os impérios caíram.

Todos os impérios caem quando se tornam arrogantes.

Também a arrogante torre do Conselho de Administração cairá. Como caíram os Bárbaros, os Otomanos, os Mouros, os "Ming", os Portugueses.

Mentira – Sabiam que `um estudo demonstrou que podem ser encontrados até 12 tipos de urina diferentes nas taças de aperitivos servidos nos bares, deixados por mãos sujas'...

Os outros riem.

Fight (*sem se mexer*) – Bem, vou-me embora!

Mentira – Sabiam que `todos os anos suicidam-se aproximadamente 30 mil Norte-Americanos, o que é o mesmo que dizer que se verificam três suicídios para cada dois homicídios'...

Fight – E ainda são poucos. (*faz uma festa no cabelo da Cool e sai por A*)

Cool – Tchau!

Mentira – Ah! Aqui diz que `num estudo que envolveu cerca de oitocentos indivíduos, mais de setenta e cinco por cento mostraram-se incapazes de organizar as suas relações pessoais numa pirâmide hierárquica de afectos indo das pessoas menos importantes às mais relevantes'...

Cool e Optimista soltam um risinho.

Cool – Nunca tinha pensado nisso!

Optimista – Quem é que inventa essas merdas?

Cool – Não, é giro! Já imaginaste...

Optimista – É um disparate!

Mentira – Sabiam que `o pénis erecto deve exercer uma pressão mínima equivalente a 600 gramas de força, o que se obtém através de um fluxo sanguíneo entre 150 e 170 centilitros de sangue por minuto'...

Silêncio.

Optimista – Quanto é que pesa uma bola de basket?

Cool – Cinco.

Optimista – Cinco quê?

Cool – Cinco camadas. É o ideal para a pirâmide. Na primeira pões só...

Optimista (*levanta-se irritado*) – Ai! Ainda estás a pensar nesse disparate?

Cool (*levanta-se também e dirige-se para B enquanto fala*) – A sério! Cinco camadas! E até se pode fazer assim: com cores! (*para o optimista*) Tchau! (*volta a falar sozinha*) Pode pôr-se azul na primeira camada, na segunda... (*Sai*)

O Optimista fica a vê-la sair, pasmado.

Mentira – Aqui diz que ‘estima-se que dois terços das pessoas sofreram ou vão sofrer de dor crónica ao longo da vida’...

O Optimista não ouviu. Continua a olhar para o sítio onde a Cool saiu. A Mentira levanta-se, vai buscar o tabuleiro onde deposita a revista. Assobia para o optimista, que olha para ela. A Mentira atira-lhe a sua bebida, ainda por abrir. O Optimista agarra-a.

Mentira – No que é que estás a pensar?

Optimista – Em nada!

Mentira – Na... pirâmide de afectos?

Optimista – Não!

A Mentira sorri e dirige-se a A.

Mentira – Aposto que já fizeste a tua! (*Sai*)

O Optimista olha em frente, com a bebida na mão.

Do ‘aposto que já fizeste a tua’:

ORADOR - Hoje, vivemos o pior dos tempos.

Substituímos a utopia pela busca do conforto fácil. Derrotámo-nos a nós mesmos da maneira mais fácil: pela velocidade. Começamos a viver uma vida lateral, vemos de relance pelo canto dos olhos, mantemos a televisão ao nível do olhar, observamos as legendas a passar horizontalmente no ecrã. Aquilo que se aproxima, vê-mo-lo por um espelho retrovisor lateral.

O Optimista circunda a árvore e guarda a bebida no bolso. Senta-se num baloiço e olha em frente.

ORADOR - Acreditamos em valores em que não confiamos. Contemplamos as nossas crenças com cepticismo.

Comovemo-nos tanto diante das tragédias do Médio Oriente e dos vários Kosovos do globo como ao vermos as imagens do beijo apaixonado do casal do ano.

Preocupamo-nos com a nova economia, os peixinhos do mar e a camada do ozono ao mesmo tempo que desesperamos com a queda de cabelo, as cores para a próxima estação e o sistema de auriculares do Alfa Pendular.

Acompanhamos de perto as tragédias dos clandestinos nas mãos de máfias internacionais e os desaires amorosos de imbecis vedetas de TV.

O Optimista levanta-se para sair.

ORADOR - Somos incapazes de elaborar, sem vergonha, uma opinião sincera sobre coisa alguma. Ensaíamos discursos de uma pretensa moralidade inócua.

Entrei!

*Entra Mentira a fazer Jogging seguida de | Da entrada da mentira ao abraço da Cool à
perto por Fight. Mentira dá uma volta à | Mentira:*

arvore e fica a ser observada por Fight que chama Optimista para a sua beira. Ficam os dois a olhar para ela. Chega Cool a correr, pára, tenta falar fica parada a arfar.

ORADOR - Somos tão comprometidos com o sistema que insistimos na mais imbecil e impossível equidistância. Parece-nos absurda qualquer tomada de posição séria, coerente e precisa. E contudo, só tendo a coragem de questionar podemos ambicionar desenhar futuros. Ainda que tal atitude pareça ridícula, é necessário questionar sempre, por o dedo na ferida. Ainda que, ao fazê-lo, sejamos ridículos.

Cool pega na Mentira ao colo e dá uma volta com ela, abraça o Fight e o Optimista Cool no centro a rir feliz e histérica, todos os olhos estão nela. Depois põe-se em cima de um baloiço e o riso não a deixa falar Faz perguntas sem som, eles respondem com 'hã'. Fight e Optimista sempre de boca aberta

Cool (desce do baloiço) – Entrei!

Cool dança com a Mentira

Mentira vai abraçar o Fight e o Optimista, que continuam estupefactos

Cool - Entrei! Quem diria? Hã? Eu entrei! Até eu! Entrei! ... Tenho que contar à minha mãe.

Cool sai para A. Optimista também sai para B deixando Fight e Mentira sozinhos na praça.

Sedução

Fight caminha calmamente até Mentira. Quando estão suficientemente próximos um do outro Mentira 'deixa' cair a toalha no chão. Imediatamente se baixam os dois para a apanhar. Fight apanha a toalha e estende-a ao de leve para Mentira. Mentira faz um sinal com os dedos para Fight (pistola-mão) e sai para A. Fight fica sozinho na praça e dá uma voltinha em redor da árvore.

1 meio tempo

Cool entra por A, carregada de sacos de compras, e atravessa a cena. Fight observa-a; depois dirige-se a B para sair. Optimista aparece por B todo roto e a gemer. Passa por Fight, que fica a observá-lo sem ajudar. Optimista dirige-se ao centro, dobrado.

A Mentira entra por A, bem vestida e com uma mala de mão. Pára frente ao orador, tira um batôn da mala e pinta-se com um espelhinho na mão.

2 um tempo

Cool entra com uma pasta de documentos. A Mentira assobia-lhe e ela pára. A Mentira estende-lhe um telemóvel que tirou da mala.

Da saída da Cool e do Optimista ao assobio da mentira à Cool na cena '2 um tempo':

ORADOR - Hoje vivemos no pior e mais violento de todos os regimes: vivemos no reino da Mentira. Ela está em todo lado e em todo o tempo. Tão assustadora e poderosa como os reinados de barbárie e terror que a História conserva.

Está no marasmo geral que reveste as opiniões assépticas, o politicamente correcto que alicerça o diálogo.

A Mentira distribui 400 canais temáticos para que cada um tenha a sua televisão e se sinta especial dentro da família espartilhada pelas divisões da casa. Feliz como num anúncio de detergentes.

A Mentira escorre na verborreia serena dos Opinion Makers, construtores da realidade dos seus botões.

Promove a solidão imensa da fuga ao confronto consigo próprio, com os outros, com o passado.

Somos todos originais por usarmos todos as mesmas sapatilhas, as que anunciam como sendo especiais.

A sociedade perdeu o passado.

Pomos quanto somos no mínimo que fazemos

Mentira – las-te esquecendo. É teu, não é?

Cool (*confusa, aceita o telemóvel*) – Obrigada!
(Cool sai de cena por A).

Entretanto Fight começa a rodear Optimista e repara que está ferido. A Mentira “repara” na conversa e aproxima-se deles.

mas não herdámos nada de ninguém. Mantemos a suspeição imbecil em relação às ideias, religiões e artes do passado.

A verdade porém, é que cada ser humano está endividado para com os demais, para com as suas raízes mais profundas, para com a Natureza.

Mas a máquina do alheamento é perigosa.

Cada um de nós individualmente se recusa a aceitar fazer parte de qualquer massa que seja pois, no íntimo, todos possuímos uma maquina de desprendimento que nos permite reagir com ironia e espírito crítico de cada vez que participamos num congresso, num mega-concerto ou nalgum acontecimento desportivo de vulto.

Essa cassette diz-nos que não pertencemos a massa alguma e que cada um de nós é genuinamente individual.

Assaltado!

Fight - Vá, limpa-te (*estende-lhe um lenço*).

Optimista - Obrigado.

Mentira – O que é que te aconteceu?

Optimista - Eu ia para casa. Meio da tarde. O caminho que eu faço todos os dias. No meio do bairro (*estende-lhe outro lenço*). Obrigado. Eles são uns miúdos...devem viver ali perto. É incompreensível...assim de repente...“isto é um assalto” e eu “um assalto como” e eles ...TUNGA (*gesto de porrada com as mãos*) ...murros, pontapés. É incompreensível. Coitados!

Fight - Coitados!?

Optimista - Sim, coitados.

Mentira - Sim, coitados!

Optimista - São só uns miúdos...deviam estar na escola e andam para aí a assaltar pessoas a meio da tarde (*recebe o pacote de açúcar que o Fight lhe estende*).

Mentira - É incompreensível.

Optimista - E a culpa é nossa (*engole o açúcar*)

Mentira - Toda nossa.

Optimista - Nós é que não somos capazes de criar espaços para que estas coisas não aconteçam. Um espaço para o desporto...natação...

Mentira - Uma piscina Olímpica!

Optimista - ...atletismo...

Mentira - Uma pista de tartan!

Optimista - ...ou aulas de música...

Mentira - Uma orquestra sinfónica!

Optimista - ...sei lá... arte, cultura, computadores...

Mentira - Um centro multimédia!

Optimista - É incompreensível.

Fight - Vá! Levanta-te! Estás inteiro? Vai, vai para casa, toma um duche.

Optimista - Acho que sim *(levanta-se e anda um bocadinho na direcção de onde veio. Depois volta-se e aponta para o lugar da agressão)*. Eles bateram-me com muita força.

Os três olham uns para os outros.

Mentira - Pronto, eu vou contigo *(saem juntos por B. O Fight fica sozinho)*.

3 dois tempos/fotocópias

Cool entra por A com uma pasta de documentos.

Barulho da interferência da rede de um telemóvel com a banda sonora.

Cool - É o meu...*(atende)* ...sim...claro...está tudo resolvido...tenho os documentos comigo...até já. *(recomeça a andar para B)*

Fight - Desculpa... tu... *(Desata-se a rir. Cool pára de andar e fica a olhar para ele, desconfiada)*

Fight - Tu não trabalhavas numa loja de fotocópias?

Cool - Numa loja de fotocópias...? Não é uma loja, é uma empresa. Não são fotocópias, é um departamento pelo qual sou responsável. A informação passa toda por mim. Estou lançada *(gesto com a mão-pistola; sai para B)*.

Fight *(retribuindo-lhe o gesto)* - Lançada para onde?

Fight sai por A. A praça fica vazia.

Desde que a praça fica vazia até entrada da Cool:

ORADOR - As cidades sofrem hoje uma crise de identidade; causa e efeito das assimetrias sociais, da cultura da exclusão social, com guetos para ricos e pobres, com regras e escolas próprias.

As cidades transformaram-se em locais de trabalho, inundadas de carros durante o dia e autênticos desertos de betão depois das oito. Atirou-se o lar para subúrbios gigantescos, com zonas bem demarcadas para bairros sociais, apartamentos para a classe média e condomínios fechados para os mais abastados.

Vigora a lógica do condomínio fechado, do vídeo porteiro e do jardim de pedra para escamotear a urbe de cimento.

Fechou-se a vida em apartamentos exíguos e desconfortáveis.

Apagou-se o espaço público do léxico urbano. Entregamo-lo a governantes para que o decorem e preservem sem mácula.

Esterilizou-se a praça com pedra inerte, por onde a vida passa mas não se instala. Limitou-se a comunicação ao colorido do graffiti.

Contribuímos para a caridade em terras longínquas, mas somos incapazes de ir a uma reunião de condóminos ou pensar o que fazer do nosso lixo.

O ruído que nos cerca é o de uma multidão de monólogos.

O homem que se ergue das lajes e expõe a voz ao Sol, fá-lo consciente da memória, recusa a certeza do futuro, assume a dívida para com o outro.
A voz que desligou o televisor acredita na ruptura. É ridícula.
E assume-o .

Cool entra por B. Está carregada de sacos, pasta e agenda. De vez em quando deixa cair coisas ao chão um pouco atrapalhada.

Mentira organiza o dia da Cool

Mentira entra por B, como se viesse atrás da Cool com um bloco e uma caneta.

Mentira - E para quando é que vais marcar o jantar com os teus amigos?

Cool - Sei lá... ando tão cansada ... esta semana não.

M - Tu é que sabes. Mas olha que não os vês há mais de duas semanas... qualquer dia deixam de te telefonar. É importante manter os amigos.

C - Sim, pois é... não sei... talvez 2ª... não, 3ª feira.

M (*apontando*)- Terça-feira... Então na 2ª tens de ir às compras... quero dizer, se os teus amigos vão jantar lá a casa...

C (*em pânico*)- Lá a casa??? Mas isso é uma trabalhadeira e eu saio tarde do emprego... cada vez saio mais tarde...

M - Calma! Segunda ao fim da tarde vais às compras e 3ª de manhã limpas a casa antes de ires para o trabalho. E os teus pais? Não vais vê-los durante toda a semana?

C - Posso... telefonar...?

M - Tu é que sabes... meia dúzia de palavras apressadas ao telemóvel com as pessoas que te criaram e que se preocupam e...

C - Não, não, pronto... eu vou lá...

M - Ótimo! Quando é que queres fazer isso?

C - Não sei... quarta-feira?... eles podem não estar em casa...

M - Telefonas antes a avisar e depois nessa noite apareces espontaneamente. Quando é que queres fazer isso?

C (*estoirada*)- O quê? Aparecer espontaneamente?

M - Telefonar aos teus pais! Na terça vai ser complicado... 2ª feira, depois das compras?

C - Isso... (*senta-se num baloiço*)... estou mesmo cansada...

M - Não estou a ver aqui nenhum tempo para a tua vida sexual...

C - O quê? Ah, sim... quero estar com o meu namorado... estou a precisar de mimos...

M - Ótimo. Quando é que queres fazer isso?

C - ... quando é que pode ser?

M - Quinta à noite não tens nada marcado.

C - Quinta à noite... dói-me tanto o corpo...

M - Ótimo! Se marcares para as 21h, jantar e etc. e tal, às 22h já estás na cama... se tudo correr bem, às... 23h já tiveste pelo menos dois orgasmos o que já não é mau.

C - Se não me deixar dormir a meio, não é...

M - Telefonas a marcar na Quarta?

C - Sim, pode ser... que dores nos pés!

M - O. K. (*aponta, depois olha para ela, preocupada*) Estás a precisar de te descontrair, esquecer o trabalho por umas horas. Precisavas de ir ao cinema, com pipocas, rires um bocado... é claro que tens de deixar tempo para a piscina.

C (*pânico total*)- Piscina?! Não, não, eu não consigo... tu não percebes... eu passo horas de pé naquela máquina (*imita o movimento de tirar fotocópias*), fico com os braços dormentes, as pernas inchadas, os olhos a arder, tenho as costas feitas num oito, os pés cheios de bolhas... não aguento mais, e cada vez há mais trabalho, mais cópias... (*olha para a Mentira que tem um ar reprovador*)... posso tentar dar lá um salto no fim-de-semana.

M (*agressiva*)- Isto não é uma brincadeira de crianças! Não estamos a falar de ir chapinhar para a água! Estamos a falar de uma actividade terapêutica; pelo menos três sessões de 50 minutos por semana!

C - Mas eu não tenho tempo... nem dinheiro!

M - Olha, eu não sou tua mãe! Tu és adulta, sabes tomar conta de ti. Mas não sei se tens reparado no teu aspecto ultimamente... olha para ti: os pés para dentro, o cabelo baço, a pele amarelada... Se não comesças a tratar do teu aspecto NUNCA vais largar essa máquina! Mas tu é que sabes...

C - ... o meu cabelo está assim tão mal?

M - O ballet era uma boa opção. Recuperas a postura e metes esses pés para fora. Ficas com um ar mais leve.

C - Ballet? Oh, eu gostava disso... (*levanta-se e faz uma pose de bailarina junto à árvore*) Achas que ainda vou a tempo de ser bailarina?

M - Vais a tempo de ser o que quiseres! Se comesçares hoje, vais a tempo... até de escalar o Everest!

C - Achas?

M - Claro! Quando é que queres marcar isso?

C - O quê? O Everest? Não sei, tinha que tirar férias... (*começa a juntar os sacos e dirige-se para A para ir embora*).

M - O ballet! Tens de telefonar a perguntar os horários... por falar em telefonar, Terça e Sexta, carregar telemóvel... espera!

C (*parando*) - ... o quê?

Ao fundo, Fight entra por A trazendo nas mãos dois pesos, atravessa a cena e coloca-se ao lado da árvore.

M - Tens de arranjar maneira de ir a uma exposição, a uma peça de teatro... se não qualquer dia não tens assunto de conversa! Quando é que queres marcar isso?... é fácil: passas o jantar com os amigos para Segunda e guardas a Terça-feira para o teatro. Tens é que limpar a casa no Domingo e ir às compras na Segunda de manhã... para poderes fazer as compras no comércio tradicional onde os alimentos são mais frescos e saudáveis. O.K.? Telefonas a marcar?

C (*exausta, tenta ser irónica*)- Olha, já sei! Porque é que eu não começo por fazer uma lista só das centenas de telefonemas que tenho que fazer esta semana? Hã, o que dizes?

Pausa. Mentira olha para o bloco.

M - O.K.... quando é que queres fazer isso?

Cool fica sem palavras e sai por A. A Mentira sai atrás dela.

Ginástica do Fight

Fight faz ginástica de pesos com uma máscara relaxante nos olhos.

Fight - A minha casa está quase perfeita.

Algumas pessoas podem dizer que eu... exagero... mas pouco me importa. Aquilo que eu consegui está perto da realização total do ser humano.

Está tudo preparado para servir as minhas mais ínfimas comodidades. QUASE tudo preparado. Quase... Ontem quando finalmente chegaram as cortinas para a janela pequena que fica ao lado do aparador descobri que não eram amarelo Macau como eu tinha encomendado.. "Não foi amarelo que pediu?" perguntou a besta que foi fazer a entrega. Tive que me controlar para não lhe dar uma cabeçada. "Não foi amarelo ENXOFRE, se é isso que está a perguntar. Ou acha que eu adquiri aquele magnífico tapete Saruq azul cobalto para o combinar com cortinas amarelo enxofre?! Levou tudo de volta. Vai demorar mais uma semana.

Se há coisa que eu não permito que insultem é o meu bom gosto. Tudo o que está naquela casa foi escolhido por mim, e tudo tem a cor certa e o tamanho certo-

(Pára. Ri-se silenciosamente. Retoma o exercício).

Fight - A minha coleção de cd's encaixou perfeitamente nas estantes de pau-preto que mandei cortar à medida... mantendo algumas imperfeições, claro, para não perderem aquele ar artesanal. O sofá ficou fantástico coberto de seda da china —ninguém diria que possui um sistema electrónico de reclinção e aquecimento, parece tão... simples! Mas a pedra de toque é o chiffonier. *(Explica)* É um móvel para lenços... o nome vem desde o tempo de Luís XV... é um monarca... Deu ao quarto de dormir um toque clássico que não fica nada mal com os elementos mais modernos, o DVD, a televisão de ecrã de plasma...

(Pára. Tira a toalha e começa a secar-se lentamente)

Fight - É claro que... há um problema. Um problema grande. Um problema com que eu não contava e que estraga tudo. *Ratos.* Tenho um problema de ratos.

Tenho ratos a passearem sobre a minha cabeça, pelas escadas acima e abaixo, na garagem, no jardim da frente. Não consigo deixar de os ouvir..., sobretudo à noite, quando a ratazana mor chega e se deixa cair na cama e ouvem-se aqueles... queetch! *(imita o som da cama a ranger quando os vizinhos fazem sexo).* Apanho muitas vezes os ratinhos pequeninos escondidos nas escadas — quando os vejo eles saltam e fogem aos gritinhos... e o cheiro que vem lá de cima!!! O cheiro baço e ocre da ninhada que se junta ao Domingo, a comerem que nem uns alarves, a

acordarem-me com os guinchos horríveis que saem dos seus... *(com desprezo)* gravadores com Dolby Surround! Surround??? *(grita)* Vocês sabem lá o que é Surround!!!!!!
(Retoma a ginástica)

Fight - Mas estou a tratar do problema. Eu não vou desperdiçar todo o trabalho que tive a preparar a minha casa por causa de meia dúzia de roedores. É preciso pensar no futuro – se mais bichos destes se começam a instalar nos condomínios fechados das pessoas decentes a vida torna-se impossível. Foi por isso que comprei uma arma. Agora... é preciso esperar...

A pirâmide dos afectos

Cool (entra a correr por A) – Pronto, pessoal! Já fiz a minha!... Não está ningu...

Cool vira-se e vai a sair por A. Optimista entra por B carregando um saco de papel com verduras. Cool vê-o quando está quase a sair e regressa ao centro da cena.

Cool – Pronto, pessoal! Já fiz a minha!

Optimista – O quê?

C - O que acabei de fazer hoje de manhã. A minha pirâmide.

O – A pirâmide?! Tu puseste isso num papel?! Tu és tarada.

C – Queres fazer a tua?

O – Não, não faço. Mas já agora, onde é que eu fiquei na tua pirâmide?

C – Não é bem uma pirâmide, sabes. É mais como um bolo de casamento. Eu estive a pensar nisso e o melhor são 4 camadas, no máximo 5. Primeiro, a camada de baixo é Pão-de-ló, é onde estão os coleguinhas. Depois é massa folhada, já é melhorzinha mas enche muito... a seguir bolo de chocolate ... doce-de-ovos-

O – E em cima?

C – Em cima ficam só os noivos. Tens de por alguém muito especial... a cara-metade. Percebes?

O – Só pode ser uma pessoa?

C – Podem ser duas... mas têm de ser muito especiais. Vá, faz a tua.

O – Não, que disparate! Mostra só onde é que eu fiquei aí no teu bolo.

C – Só se fizeres a tua. Vá lá, não custa nada! Eu depois mostro-te a minha!

O *(pousando o saco)* – Que disparate tão grande! O. K. Dá lá isso que eu faço, só para te calares de vez. Que estupidez! *(agarra no papel e caneta que a Cool lhe estende e agacha-se sobre um baloiço para escrever)*

O – Ora deixa ver... cinco camadas, não é... então... aqui ponho o Zé e o Eduardo!

C – O Zé e o Eduardo? Na mesma camada! Mas tu mal conheces o Zé! E o Eduardo andou contigo na escola.

O – Tens razão! Vou passar o Eduardo para cima!

C - Passa o Eduardo para baixo...

O - Aqui fica a Paula!

C - A Paula não sabe a nada! É seca. Se não for comida com queijo não presta. É pão-de-ló.

O - Para mim não é! Isto é a minha lista. Vou por a Paula e a Marta na Massa folhada. E no chocolate vou por a Lena, a Isabel e a Luísa.

C - Hei! Tu não precisas de por apenas mulheres no chocolate! Vê lá se ainda enjoas... (*optimista continua a escrever*) Tem calma no doce de ovos! Eu acho que tu não percebeste. Há medida que vais subindo tens que por menos pessoas... as pessoas são cada vez mais especiais.

O - Aqui ponho o meu tio-

C - Não, a família não entra!

O - Como não?

C - A família é um bolo à parte... é um bolo gelado...

O - Nem um primo especial?

C - Não!

Optimista acaba a lista.

O - Pronto! Já está!

C - Tu foste rápido! Eu demorei muito mais tempo. Tu já tinhas pensado nisto...

O - Eu não tinha pensado em nada!

C - Vá lá mostra!

O - Não. Isto morre aqui comigo.

C - Tens de mostrar. Senão qual é o interesse de fazer a lista?

O - Nem penses... Isto é uma estupidez e nem devia ter sido feito. (*Cool avança para ele. Ele vai recuando e acaba por "travá-la" pondo-lhe a mão na testa*) Tu não me ameaces. Acalma-te!

C - Eu estou calma. (*Optimista solta-a. Ela tenta agarrar a lista.*)

Optimista mete a lista na boca

C - Cospe! Cospe, tu não podes engolir o bolo!

O (*fala com a boca cheia*) - MMMmmmmm....

C - Se tu mostrares a tua eu mostro-te a minha!

Optimista tira a lista da boca

O - O.K. Eu mostro mas tens de mostrar a tua ao mesmo tempo.

C – Olha, vamos ser civilizados e portar-nos como dois adultos. Trocamos as pirâmides a meio. *(esticam os dois as mãos com os papéis. Cool repara no estado do papel)* Eu não vou tocar nisso. Está toda molhada e nojenta.

O – Pronto, eu ponho-a aqui no chão. Pousa a tua *(Cool obedece)* e agora eu vou ai ver e tu vens para aqui. Os dois ao mesmo tempo.

Colocam as duas lista no chão e começam com o jogo de contar os passos. Passo Suspenso da Cegonha.

C – O.K., eu vou contar... um, dois... Pára! Tu estás mais perto!

O – Como é que estou mais perto?!!

C – Não sei! Tu... estás muito mais perto. *(afasta a sua lista para trás)* Vamos... Um, dois, três!

Avançam calmamente. Encontram-se no meio. Tocam-se e depois não se querem largar puxando cada qual para seu lado. Cool começa a gritar e Optimista agarra-a por trás, vira-a e tapa-lhe a boca.

O – Pára! Estás calma? *(Cool faz gesto afirmativo e Optimista larga-a)*

C *(grita)*– Eu estou-me a passar!

Optimista agarra-lhe nas mãos. Calmamente rodam, para voltarem a ficar de frente para a lista um do outro. De repente largam-se e cada qual corre para a lista do outro.

C – Onde é que eu estou? Onde é que eu estou?

O – Argh! Estou em terceiro lugar!

C – Onde é que eu estou? E eu?! Tu comeste-me. Eu não apareço.

O - Tu estás à parte... estás num sítio especial... num anexo da minha pirâmide!

C - Eu não vou ser anexada por ninguém!

O – Não é isso. Tu para mim és o molho de chocolate quente que se serve à parte...

C - O chocolate quente à parte ou se come na altura ou fica uma merda!

O – Olha, fazemos assim: eu ponho-te em 2º lugar na minha e tu pões-me em segundo lugar na tua.

C – Não, não pode ser. O teu 2º lugar equivale ao meu 3º!

O – O quê? Porquê?

C – Porque... sim. O meu bolo é... especial. Não é igual ao teu. Tem quatro camadas mais uma.

O – Está a tornar as coisas difíceis! Ah, pois... não tens ninguém no topo da tua!

C – No topo da minha pirâmide está alguém muito especial. AQUELA pessoa que está sempre comigo, que eu amo acima de tudo, que acorda comigo, que come comigo...

O – Ah! Eu não sabia que tinhas alguém. *(Comovido)* Fico muito contente. É alguém que eu conheça?

C – Eu!

O – O quê?

C – Eu.

O – Tu!?

C – Claro. Eu! Se eu não gostar de mim quem gostará? Eu sou a pessoa de quem eu mais gosto. Temos de nos amar muito a nós próprios para podermos amar os outros. Para termos muito amor para dar.

Optimista volta a pegar no saco e começa a sair por A. Pára e vira-se para ela.

O – Olhe desculpe! É uma embalagem de EVAX... tanga.

Optimista sai por A. Cool pega no seu bloco e caneta, furiosa.

C (*grita enquanto vai saindo por B*) – Criança! És tão infantil! Tu... criança!
Cool sai.

Da pirâmide ao pepino:

ORADOR - Precisamos de mais concentração para comer uma refeição do que para ver televisão e quando a vemos, ficamos passivos e tensos, sem qualquer capacidade de concentração.

A nossa capacidade de distinguir sabores anula-se pelo consumo massivo da pasta homogénea que nos servem em diferentes cores mas sempre com o mesmo aroma.

E é sempre bom sair, viajar para longe, mergulhar no exotismo das paisagens. Ter a certeza que o postal mostra as ruas típicas sem pedintes e que o hotel serve o mesmo whisky que há lá em casa. E no fim, trazer aqueles sabonetes pequeninos. Para que todos saibam que estivemos ali...

A televisão debita um amontoado disforme de lixo criteriosamente produzido. Serve à la carte o mais abjecto material sexual obsessivo, descrições coloridas de brutalidades e atrocidades várias, análises técnicas e profusamente documentadas das mais sangrentas experiências e vivências, numa avalanche de informação que atordoia a mente. Serve-nos o mundo em função de shares, patrocinadores e directores de Marketing.

Simultaneamente, mostra-nos o nosso cantinho cor de rosa embrulhado no pacífico romantismo das revistas do Jet7.

Leva-nos a crer que um dia estaremos nós no ecrã, milionários, lendas de cinema e estrelas de rock. Mas é mentira.

Lentamente, vamo-nos apercebendo disso.

Vamo-nos apercebendo que o céu azul é um cartão pintado pelo publicitário, o mago encarregue de nos fazer desejar aquele carro, com aquelas roupas.

A publicidade é a máquina do desejo. Leva-nos a ter empregos que detestamos para comprarmos as merdas de que não precisamos.

As coisas que possuímos acabam por nos possuir.

Nós não somos o dinheiro que temos. Nós não somos o carro que guiamos. Nós não somos o conteúdo da nossa carteira.

Talvez aqui termine o reino da publicidade, na realização do seu maior fantasma: não servir para mais nada, apenas para a promoção de si própria.

A colonização...

A colonização acontece quando se quebram os símbolos e os elos que definem uma cultura. Eis a situação em que nos encontramos. Somos a primeira civilização na história da humanidade que se colonizou a si própria.

Não temos um âmago que possamos amar.

Chegámos ao ponto em que é um acto de resistência ter uma família, educar filhos, fazer opções, desligar o televisor.

Salvem o pepino!

A praça está vazia. Aparece a Cool com um telemóvel e um mapa para marcar os sítios com rede. Aparece a mentira com óculos escuros e cigarro na boca. Coloca-se num canto a observar a cool. Entra Fight a cruzar o espaço de A para B. Repara na Cool e vai ver o que ele está a fazer.

Fight – Sabias que o corpo humano é uma espécie de antena? Se abrires os braços apanhas muito mais rede... experimenta.

O Optimista entra por A e coloca um banquinho no centro da praça. Sobe para cima de e fala aos outros

Optimista – Eu peço um minuto da vossa atenção, por favor. (Os outros olham mas ficam onde estão) Eu hoje estou aqui por causa de um dos maiores símbolos da nossa terra que está a ser ameaçado. Querem destruir-nos, uniformizar-nos. *(Tira um pepino de um saco que traz às costas e mostra-o aos outros)* Estão a ver este pepino? Este pepino é produzido aqui. E é bom. Mas pelos vistos não tem o tamanho ou a cor certa segundo as grandes multinacionais e por isso querem acabar com a sua produção. Vejam, cheirem-no, provem... *(tenta atrair os outros com 'talhadas' de pepino. A Cool aproxima-se e agarra num pedaço. Põe-se ao lado do Optimista em pose de 'membro da comissão)* Dizem que no mundo de hoje o nosso pepino não tem lugar. Eu recuso-me a aceitar isso e proponho-me lutar contra este atentado à nossa identidade.

Fight aproxima-se e põe-se à frente do Optimista.

O - E convido-vos a juntarem-se a mim. Todos juntos podemos fazer algo pela nossa comunidade. *(Fight põe o dedo no ar. Optimista fica entusiasmado)* Diz, diz! Pergunta o que quiseres!

Fight - Isto é um "movimento pelo pepino"?

Optimista - Pode ser, sim. O pepino é parte da nossa identidade. É preciso defendê-lo aos olhos do mundo.

Fight afasta-se.

O – E eu estou disposto a dar o exemplo, para que o mundo nos ouça. Pretendo amarrar-me aqui como forma de protesto e só sairei quando nos prestarem a devida atenção.

F – Oh, por favor!

Mentira *(aproximando-se de Optimista)* - Convoca-se a imprensa?

Optimista - Sim. É importante mostrar *(Mentira segue em frente e sai por A)* que o nosso pepino é bom e que nós queremos juntos fazer algo pela nossa comunidade. *(desce do banco)* Ajudem-me a amarrar-me

Cool *(entusiasmada com a perspectiva da imprensa)* – Eu ajudo-te! Eu amarro-te!

Optimista *(encostando-se à árvore)* – Obrigado!

F – Tu deves estar a brincar! O que é que achas que vais conseguir com isto? Achas que é assim que as pessoas te ouvem? Vão todos achar que estás maluco! Já ninguém se amarra a lado nenhum, nem sequer os tipos da Greenpeace!

O – As pessoas vão prestar atenção. Às vezes são necessários actos corajosos para as pessoas perceberem o que está em causa.

Entretanto a Cool acabou de o amarrar e vai falando sozinha à medida que escreve post-its com slogans que cola ao corpo do Optimista.

Cool – É preciso chamar as pessoas! Quando a imprensa chegar tem de estar cá muita gente. Precisamos de uns slogans destes. Se calhar podíamos fazer uns cartazes... não, umas T-shirts!

Fight (*sem a ouvir, para Optimista*) – Actos corajosos? Eu quero ver até onde vai a tua coragem! Eu quero ver a coragem quando te der a fome! Ou quando começar a chover! Até me vais implorar para te desamarrar!

O – Isto é uma coisa séria! Temos que lutar com as armas que temos! O nosso pepino merece-o!

C – Podíamos fazer uma festa. Não, uma manifestação! Chamava mais gente. Podíamos espalhar uns cartazes e arranjar um hino! Fazíamos uma vigília. E cantávamos todos juntos!

F – O nosso pepino? O vosso pepino! Meu não é com certeza! Este pepino é assustador, não percebes? É enorme, e... feio! As pessoas não o compram, têm medo dele! A produção deste pepino só dá prejuízo, acho bem que acabem com ela! (*repara nos post-its*) Que é isto?

O – Não digas isso! O nosso pepino é bom, não há nada de errado com ele! Nós não podemos desistir do que é nosso só porque é diferente do resto!

Cool sobe para o banquinho e põe um ar sério.

Fight (*lendo*) – ‘Salvem o nosso pepino?’... ‘O regresso do pepino?’... ‘Pepino forever?’... ‘I love pepino?’... Que disparate é este? Daqui a pouco chamam o Spielberg para realizar isto!

Cool (*canta*) – Pepino, ai pepino, salvem o nosso, pepino!

Fight e Optimista olham para ela horrorizados.

F – Lindo! Eu não acredito!

Optimista (*para a Cool, que não o ouve*) – Olha, espera... não é preciso fazer isso...

Cool (*para um público imaginário*) – Eu gostava de dizer um poema enquanto vocês cantam.

Fight (*para Optimista*) – Vês o que fizeste? Vês o que provocaste com isto tudo? Estás satisfeito? Agora ninguém a pára!

Optimista (*para a Cool*) – Pára... não estás a perceber... isto é sério!

Cool (*dramática*) – ‘O nosso pepino é enorme, é um grande vegetal, há quem diga que é disforme e até que querem fazer mal!’

F – Meu Deus! Eu não aguento!

Optimista (*para a Cool*) – Olha, pára. PÁRA!

Cool ouve-o finalmente e pára de cantar.

O – Tu não estás a perceber! O pepino... não interessa... quero dizer, o que está em causa é um bocado da nossa identidade, percebes? Podia não ser o pepino... podia ser, sei lá, o rabanete! O que interessa é-

Cool (*grita para a frente*) – Pepino e rabanete! Pepino e rabanete!

F – Ai o caralho!

Optimista (*para Fight*) – Temos de parar com isto. Temos que pará-la! Desamarra-me por favor!

Fight (*fica a vê-lo a espernear*) – Então e o acto corajoso? Ah, ah! Eu avisei-te, não foi?

O – Cala-te e ajuda-me!

Entretanto a Cool desceu do banquinho e volta a ter ideias.

C – Já sei. Damos um lanche às pessoas, uma espécie de sessão de esclarecimento. Até podíamos... É ISSO! Fazíamos um teatrinho para elas perceberem melhor! Arranjamos uns fatos de pepino...

Fight (*desamarrando o Optimista*) – Pronto, já desististe desta ideia idiota? Ótimo! Vai para casa e toma um duche, estás a ouvir? Tomas um duche, descansas e esqueces isto! É o que eu vou fazer! (*sai por A*)

Optimista (*para a Cool*) – Olha, pára com isso! Estás a ouvir? Pára com isso!

Cool (*sem o ouvir*) – Vamos ter de adiar isto pelo menos um dia. Há muita coisa para fazer, muita gente para chamar, os fatos-

Optimista (*perde a paciência*) – PÁRA! PÁRA COM ISSO! VAI PARA CASA! JÁ!

Cool olha para ele sem perceber. Depois sorri.

C – É isso! Já para casa começar a fazer os telefonemas! Vou adiantando o trabalho. (*vai saindo por A*) Até já!

O Optimista fica sozinho, desesperado. Senta-se no banquinho com a cabeça entre as mãos. Por trás dele a Mentira surge vinda de A. Senta-se no baloiço mais perto de optimista.

Orador - ... vivemos um tempo de fronteira: somos os filhos do meio da História. Não temos nenhuma Grande Guerra nem nenhuma Grande Depressão. A nossa grande guerra é espiritual. A nossa grande depressão é a nossa vida...

Mentira – Não funcionou?

O (*sem olhar para ela*) – Não.

M – O que correu mal?

O – Não sei... eles não me ouviram ou não perceberam!

M (*puxando de um bloco e uma caneta*) – Mas porquê? As pessoas não estavam preparadas?

O – Não, acho que não é isso... elas estão preparadas-

M – Então foi o seu discurso que foi desadequado? Não soube mobilizar as pessoas! Ou elas simplesmente não se interessam? É isso que está a dizer?

O – Não, não é isso, elas interessam-se-

M – Então o que está a dizer? O que é que conseguiu dizer a estas pessoas? Que mensagem passou?

O – A mensagem foi-

M – Nenhuma, não é? Não ouve qualquer comunicação. Só violência!

O – Não, aqui não ouve violência-

M – esta questão tem alguma coisa a ver com esta comunidade? Quantas pessoas tem de facto este movimento? Sabe? Não sabe? Ou não quer dizer? Sabe e não quer dizer? Quer dizer mas não sabe? Ou não sabe e não quer dizer?

O – Eu acho que-

M – A verdade é que hoje não conseguiu mobilizar ninguém, certo? Não ouve nenhuma acção popular de protesto!

O – Não...

M (*guardando o bloco e a caneta*) – E agora qual é o próximo passo?

O (*virando-se para ela*) – Vou... falar com as pessoas...

M – Como?

O – Indo a casa delas se for preciso.

M – Bater de porta em porta? Mas isso nunca mais acaba! Há meios mais rápidos, mais abrangentes e mais eficazes, sabias?

O – Mais rápidos? Como’

M – Mails. Uma cadeia de mails.

O - Correio electrónico? Se calhar... não, não, isto é um problema local, quem é que quer saber disto fora daqui?

M - Local? Nada é local. Tu tens de sair dos limites desta terrinha pequena e onde ninguém te compreende. Tens de arranjar interlocutores a sério. Mete o pepino na net.

O - Achas?

M - Claro! Num instante chegas a milhares de pessoas em todo o mundo. Aqui não te ouvem, tudo bem. É preciso uma certa distância para compreender o problema; as pessoas daqui estão demasiado próximas, conhecem-te há anos, não te vão ligar nenhuma. Amanhã há um tipo em Los Angeles, outro na China e outro na Austrália, todos preocupados com o pepino. É tão fácil! (*Música com 'Send'*)

O - Se calhar tens razão... basta escrever... uma cadeia de mails!

M – Claro! Não precisas de sujar tudo, nem dar cabo da roupa... fazes tudo do escritório. É barato e chega a todo o lado! Vais ver, as pessoas envolvem-se em qualquer treta!

O (*já a falar consigo próprio*) – É isso. É uma bela ideia. Acho que vou começar a tratar disso. Só preciso de escrever a mensagem... se calhar até podia escrever em inglês...

M - Oh, não sou nada... agora chego a casa, trato disto... não custa nada...

C - Não, tu és muito corajosa! São pessoas como tu que estão a salvar este mundo!

M - Como nós! Não te esqueças disso! Tu podes fazer a diferença.

C - Oh, achas?... não sei...

M - Claro. Vais prometer-me que chegas a casa e deitas os sprays todos fora, está bem?

C - Está bem. Força!...adeus. Cura-te!

Mentira afasta-se a coxear e sai por A.

O Optimista entra por B e atravessa a praça com um hamburguer e um pacote de batatas fritas na mão. A Cool vê-o e fica chocada.

C (grita)- AH!

O Optimista pára abruptamente. A Cool aproxima-se dele a tremer de indignação.

C - O que é que tu estás a fazer?

O - Estou.. a comer.

C - Ah! A comer? A comer? Cospe isso! Cospe imediatamente!

Optimista cospe a comida que ainda tinha na boca.

C - Tu não estás a comer! Isso não é comida! Tu estás maluco? Sabes o que é isso?

O - ... sim, é um hamburguer e umas batatas... eu não tive tempo para almoçar e...

C - Isto NÃO SÃO batatas! Isto é uma... mistura química qualquer que eles fazem! E... e isto não é carne! Eles não usam vaquinhas nem... não são animais, são uma espécie de... que crescem todos... argh! (*pega na comida e pousa-a no chão, longe dele*)

O - Não me digas que acreditas nessas histórias!

C - Como é que tu és capaz? Tu não tens consciência?

O - Oh, pá, eu estava com fome e não tive tempo, estava ocupado com a campanha do pepino e... eu nem costume lá ir...

C - ASSASSINO!

O - O quê?!

C - São pessoas como tu que dão cabo deste... do mundo! Tu não sabes que esses tipos dão cabo das florestas todas? Tu sabes de que tamanho está a camada do ozono? Sabes? Está... três vezes do tamanho do... está assim, mesmo grande, estás a ver? Imensa! Por causa de pessoas como tu!

O - Mas eu só lá fui desta vez! Não tive tempo... eu nunca lá vou!

C - Só uma vez, só uma vez! É quanto basta! Sabes quantas pessoas já lá foram a dizer que só lá vão uma vez? Milhares!!

O (*grita*) - Mas que disparate! Eu não tenho culpa se...

C - Pronto, calma. Senta-te e acalma-te. (*ajuda-o a sentar-se no banquinho deitado no chão*) Pronto. Agora vomita.

Fight entra por B. Fica a ver a cena, depois dirige-se à comida no chão.

O - O quê??!!

C - Sim, vomita. É o mínimo que podes fazer depois de ter ido lá!

O - Mas eu não consigo...

C - Mete os dedos à boca! Nem isso és capaz de fazer?

O - Pronto, eu tento... (*tenta vomitar*)

C - Não eras capaz de ficar um dia sem almoçar? O que é que te custava? Há pessoas que fazem sacrifícios tão grandes por este mundo!

O - Estou a ficar mal disposto!

C - E os teus filhos? Em que planeta é que vão viver?

O (*enjoado*) - Não consigo...

C - Há pessoas que sangram, percebes? Sangram e vão para casa todas... (*imita o coxear da Mentira*)... e tu nem és capaz de... nunca pensei...

O - Do que é que tu estás a falar?

C - Eu preferia passar fome a comer aquela... (*aponta para o sítio onde deitou fora a comida. Fight está parado a seguir a conversa e a comer as batatas fritas*) AAAAAHHHHH!!!! É escusado, é escusado! Assim não dá! ASSASSINOS!!!!

Cool começa a ir embora por A.

C - Fica sabendo que estou fora da campanha do pepino. Agora vou dedicar-me à campanha a favor de... à campanha do buraco do ozono.

O - Não podes fazer isso, não podes mudar de um dia para o outro! O pepino é mais importante!

C- O mundo é muito mais importante! Sem mundo não havia pepino!

Cool sai.

Fight fica na praça a comer batatas fritas. O Optimista olha à volta e vê a sujidade provocada pelo hambúrguer. Sai por A para ir buscar uma vassoura. O telemóvel do Fight começa a tocar.

Orador - Quanto tempo é que eu vou ficar em casa a apodrecer até alguém descobrir que morri?

Fight sorri, pousa as batatas no chão, limpa as mãos a um lenço e avança. Tira lentamente o telemóvel do bolso.

F – A minha mãe. Um som doce e preocupado. É como um pássaro a chamar a cria. *(a chamada acaba)* Olha, desistiu... *(Ele procura outro toque)* Já o toque do Pai... Wagner! Mais austero.

Ao fundo, Cool e Mentira entram por A cada uma com o seu saco e instalam-se frente a frente à esquerda da árvore. Começam um jogo de espelhos, colocando roupas e adornos que tiram dos sacos. A Mentira coloca objectos normais (óculos, pulseira, camisola apertada, molas de cabelo) e a Cool imita os seus gestos, mas os seus objectos são exagerados.

F *(encontrando outro toque)* – O irmão. É... a brincadeira... são os legos a chamarem... é básico! *(procura outro toque. Ao fundo, Optimista entra por A com a vassoura nas mãos. Fica parado a ouvir o Fight.)* O mecânico. É... um aviso. A este nem respondo... quer dizer, o que é que há para falar com um mecânico? *(toca uma música divertida)* Uma daquelas tipas de trancinhas... estilo “tenho trinta anos, mas não parece nada!” *(procura outro toque. É uma música bonita e completa. Enquanto toca, Fight vai-se virando para o Optimista e este avança um pouco, interessado. A música acaba)* Um amigo artista.

O – E o meu toque, como é?

F – O teu? O teu toque? O teu toque no meu telemóvel?

Fight procura outro toque. Ouve-se uma musiquinha curta.

O – É este? Este é que é o meu?

F – Quando oiço isto, sei imediatamente:... não há ovos! *(o optimista olha para ele, confuso)* É o meu frigorífico, tem um sistema de aviso.

O – E o meu toque, qual é?

Fight coloca outra música e sorri.

O – Isso sou eu?

F – Um primo que nos acompanha desde a infância. O chamado “primo sincero”. *(olha para o Optimista)* O quê? Pensavas que era o teu? Ná!

O – Então qual é o meu?

F – O teu toque, não é? Queres ouvir o teu toque? *(põe outra música, “Chegou a hora do adeus”. Com um ar melancólico)* Um amigo... que eu já não vejo há... *(suspira)*

O *(sério)* – Um amigo que morreu?

F – Não, estás parvo? Foi viajar, volta para a semana!

O – Mostra lá o meu toque!

Ao fundo, a Mentira debruça-se sobre o seu saco, como se fosse retirar outro objecto. A Cool imita-a. A Mentira agarra no saco e sai por A. A Cool continua sozinha a encher-se de objectos.

F – Ummm... o.k., fazemos assim: eu mostro-te o teu se tu mostrares o meu.

O – O quê?

F – O meu toque no teu telemóvel. Eu mostro-te o teu toque e tu mostras-me o meu.

O – Não, mas eu não tenho... eu tenho um toque para toda a gente... é o mesmo...

F – Ah, então não mostro o teu!

O – A sério! Não tenho toques diferentes!

F – Não tens? Tens um toque igual para todas as pessoas? Isso é horrível! Fazes isso às pessoas?

O – Quer dizer, tenho um toque especial, mas o resto é igual para todos...

F – AH! Tens UM toque especial... e de quem é?

O – É... de uma pessoa especial...

F – Uma no feminino?

O – Sim... uma...

F – Namorada?

O – Uma amiga... de infância... que eu não vejo há muito tempo... que está longe...

F – Mas perto do coração! (*optimista embaraçado*) Aposto que quando ouves esse toque ficas com uma ansiedade no estômago, comesças a respirar mais depressa, a pensar “É ela!” e vais a correr para o telemóvel...

O (*interrompendo*) – Na verdade... nunca tocou.

F – Nunca?!

O – Não, ela nunca me telefonou... mas eu sei que um dia ela vai ligar... e quando isso acontecer eu reconheço logo... vou saber logo que é ela...

F – Isso é lindo! É mesmo muito romântico! Tu deves viver para esse dia, não é? Sempre com esperança de ouvir o toque... é lindo! Estou comovido! (*Pensa*) Fazemos assim: tu mostras-me esse toque especial e eu mostro-te o teu toque.

O – Queres mesmo ouvir?

F – Claro. Mas ouve... (*avança para ele com um ar sério*) Isto para mim é uma coisa séria.

O – Para mim também!

F – Vamos fazer um acordo, está bem? Mas sério! Eu agora estou a ser completamente sincero!

O – Também eu!

F – Ótimo! Eu confio em ti. Tu confias em mim?

O - ... sim...

F - O.K.! Então é um acordo entre os dois! Mostra-me o teu toque especial. Espera! (*afasta-se e fecha os olhos, de costas para o optimista*) Tenho de me concentrar que isto é um momento especial! O.K. – hit me!

Optimista põe a tocar a música do Verão Azul. Fight reconhece-a aos poucos.

F – Mas isso é.. espera... é aquela música...

O (*feliz*) – Sim!

F – É daquela série... o Verão, a praia, o sol, creme Nívea... a música do Chanquete!!!

O – Sim, do Chanquete!

F – É brilhante! É mesmo genial! Como é que eu não pensei nisso? É uma música ótima para um amigo de infância ou... (*começa a procurar no seu telemóvel*) Tenho de pôr essa aqui...

O (*assustado*) – Não! Não podes usar esta! Esta não! Escolhe outra! Escolhe aquela... olha, a do Marco, por exemplo!

F – Qual Marco? Não conheço nenhum Marco...

O – Aquela... (*canta*) Mmmm porto, italiano... mmmmm o Marco... numa mmmm casinha... mmmmmmm

F (*excitado*) – Ah, eu sei! Eu sei! Como é que era? Ai, aquela parte! Aquela parte!

O (*no refrão*) – Foste embora mamã!

F (*ao mesmo tempo*) – VAI-TE EMBORA MAMÃ!

O – Não, foste embora mamã!

F – Isso, foste embora mamã! Não me deixes aqui!

O – Adeus, mamã!

F – Adeus, mamã! É pá, eu chorava sempre nesta parte!

O – E olha... o meu toque afinal?

F – Ou então aquela... ai, como é que era? Aquela da gorda (*gesticula*), amarela, listrada... como era... a melga... não, Maia! Maia!

O – A abelha Maia. E o meu toque?

F (*canta*) – Lá, lá, lá, lá, mmmmm abelha Maia!

O – Maia! Mmmmm Maia! E o meu toque?

F – Lá, lá, lá... (*pára abruptamente. Põe um ar sério*) O teu toque? Queres ouvir o teu toque, não é?

O – Sim, tu prometeste!

F – Eu sei... nós fizemos um acordo, não foi?

O – Foi!

F – Pois foi... e antes de eu cumprir a minha parte do acordo, gostaria de dizer-te que fiquei muito comovido por confiares em mim!

O – Então?

Pausa. Fight começa lentamente a rir-se em silêncio.

F – ÉS TÃO CRÉDULO!

Fight dobra-se a rir e apoia-se no chão. Optimista fica chocado a olhar para ele. Dirige-se para A para sair; de repente vira-se, vai para bater no Fight com a vassoura nas suas costas mas desiste. Sai por A. Fight fica a rir-se. Depois pára e levanta-se. Fica surpreendido por já não ver o Optimista. Encolhe os ombros e dirige-se para B. Quando está quase a sair, ouve um barulho atrás de si e pára. A Cool aproxima-se, circundando a árvore, e coloca-se no centro da praça sem reparar no Fight. A sua figura é monstruosa e ela ensaia umas posturas sensuais. Fight fica a vê-la horrorizado. A Mentira entra por A e pára ao fundo a observá-la. Lentamente transforma a sua postura numa pose de galinha. Aproxima-se da Cool com passos galináceos e pára ao lado dela. A Cool fica a olhá-la com estranheza.

Orador - ...fruto da mais hedionda subversão de conceitos:

A mentira adoptou o rebelde e o radical como conceitos pret-a-porter, esvaziando-os de sentido, transformando-os em arquétipos inócuos, em caricaturas.

Escoou as palavras que a podiam magoar.

M - Então, está tudo bem? Estás... esquisita.

C – EU estou esquisita??

M - O que é isso que tens vestido? Porque é que estás nessa figura? Já ninguém anda assim!

C (*assustada*) – Ninguém? Mas ainda ontem... quer dizer, eu pensava que agora... como é que as pessoas agora andam então?

M - As pessoas agora já não vão em modas. As pessoas agora afirmam a sua individualidade para pertencerem a uma comunidade. Já ninguém vai atrás do que eles dizem!

C - Eles!?

Ao fundo Optimista entra por A com uma mala de viagem na mão. Vai instalar-se no "espaço íntimo" à esquerda da árvore e começa a arrumar os seus pertences na mala.

M - Sim eles, esta sociedade que te castra! Tens que dizer não, tens que te afirmar!

C (*começando a imitar o andar, precisa de tirar as pulseiras*) - Estou a perceber!

M - Recusa este mundo fácil. Descobre o teu estilo, sem pressões. O pescoço assim. Procura lá no fundo quem és! Diz "Fui eu que escolhi"!

C - Foste tu que escolheste!

M - Não, foste *tu*, *tu* que escolheste!

C - Fui eu que escolhi! (*retira os óculos*)

M - Fui eu que escolhi!

M - O queixo para cima. Sente o que estás a dizer!

C - Estou a sentir!

M - Mais alto.

C - Estou a sentir! Estou a sentir a galinha que há em mim!

M - Isso, afirma-te, ao princípio dói um bocadinho, descobre-te a ti própria. É a tua individualidade que interessa.

C – A minha individualidade! (*vai tirando outros objectos*) Que fixe, quer dizer que anda toda a gente assim agora?

M - Não é toda a gente, é a comunidade de pessoas que se preocupam. Isto não é mais uma moda, é uma revolução dos comportamentos!

C - Sim!

M - Isto não se pode imitar, tem de vir de dentro. Isso, descobre o *teu* movimento. Experimenta este passo. Mas não me imites! Eu não estou aqui para mostrar nada, só aponto possibilidades.

C - Este é o meu movimento natural! Meu e só meu!

M – Isso! Afirma-te! Tu vestes o que és, escolhes o que vestes, és o que escolhes, escolhes o que és!

C – Eu visto o que sou! São as minha penas! As minhas penas!

M - Lindo. O novo mundo espera-te.

C - O novo mundo espera-me! Isto não é uma moda, é uma revolução nos comportamentos.

M - Isso, vai, vai e toma o teu lugar no novo mundo.

Cool sai por B com o seu novo passo de galinha. Ao fundo, Optimista circunda a árvore e vai sentar-se com a sua mala de viagem à espera. Fight fica a olhar para a Cool horrorizado. Mentira aproxima-se um pouco para ver o Fight. Desfaz a galinha.

M – Há algum problema?

Fight olha para ela sem compreender.

M – Pareces-me um pouco em baixo... triste... frágil (Fight põe um ar duro) Precisas de ajuda?

F (*aproximando-se dela*) – Não, não há nenhum problema. Está tudo bem! (*gesto da pistolinha*)

Mentira retribui a pistolinha mas na direcção do Optimista. Fight descobre-o sentado ao fundo. Mentira atravessa a praça, cumprimentando o Optimista quando passa por ele. Coloca-se ao fundo observando a cena, com um papel (teste) e uma caneta na mão.

Fight aproxima-se do Optimista, que parece estar à espera de transporte.

F (*calmamente*) – Vais viajar? Partir, desandar, emigrar, zarpar... procurar um sítio melhor, não é? (*Optimista não lhe liga. Subitamente Fight muda de expressão*) E antes de ires embora, passaste aqui para ajustar contas, não foi? Para finalmente me bateres! É o teu sonho! (*Optimista olha para ele como se ele estivesse louco*) É isso que vais fazer, não é? Dar-me uma sova, desancar-me, arrear-me, malhar-me... (*Optimista não lhe liga. Fight fica frustrado e acrescenta com mais veemência*) Vais bater-me até me deixares para aqui inconsciente para depois poderes fugir? (*Optimista reage ao fugir. Fight percebe que acertou na mosca*) Fugir, sim... é isso, não é? Vais abandonar isto! És como todos os outros, as coisas ficam um bocado mais difíceis e tu dás de frosques, não é? Eu sabia! Eu sabia que tu eras desses... cobardes... desertores! Ninguém te compreendeu, foi? A "comunidade" não te ligou nenhuma? Ninguém quis saber do teu... pepino?!

Optimista levanta-se de um salto e ergue a mão para lhe bater.

F (*feliz*) – Ah! Temos homem! (*Optimista detem-se*) Até que enfim! Eu sabia que no fundo eras um tipo violento!! (*encolhendo-se*) Não bata patrão, não bata patrão... (*dramático*) Vá, não pares! Bate, bate! Eu estou aqui no meio do teu caminho. Bate no cabrão que te está a chatear! Foi o que sempre quiseste fazer, não foi? (*como se fosse um aparte*) Estou a ser dramático, não estou? Teatral... (*vendo que o Optimista não reage, Fight fica agressivo*) Dá-me um murro, de uma vez por todas! Pela primeira vez na vida, FAZ alguma coisa! (*Fight desespera e desiste de provocá-lo*) És um triste! És daqueles que esperam que o nevoeiro passe e que a salvação apareça, para ver se podes avançar!... é melhor fugires. Vais ter muito que esperar... que o nevoeiro passe e que a gaja do Verão Azul telefone...

O Optimista levanta-se inesperadamente e agride-o com a mochila. Fight cai no chão. Leva a mão à cara e começa a rir. O Optimista arrepende-se imediatamente. Avança um pouco para ele, mas estaca.

O – Desculpa... desculpa...

F (*histórico de alegria*) – Sangue! Sangue! Bravo! Conseguiu! Não estás satisfeito?

Fight olha para Optimista e vê-o extremamente infeliz. A sua própria alegria morre-lhe aos poucos. Fight sai rapidamente por B. Optimista fica parado a vê-lo sair. A Mentira aproxima-se um pouco por trás dele com o teste na mão.

M – Quando me provocam eu: a) Tento acalmar-me, b) Afasto-me ou c) Agrido?

O – a)

M – Quando agrido alguém eu: a) Peço desculpa, b) Sinto-me aliviado ou c) Fico triste?

O – a)

M – Quando fico triste eu: a) Refugio-me no meu quarto, b) Choro ou c) Preciso de companhia.

O – a)

M – Quando preciso de companhia eu: a) Vou à procura de pessoas, b) Espero que alguém apareça ou c) Chamo.

O – Chamo?

Mentira sai por A. Optimista fica na praça sozinho a chamar alguém.

O – Chamo! Chamo!

Desiste e sai por A.

Soterrada.

Cool entra por B no seu estado 'galinha'. Vai cruzando a cena e pára de vez em quando com dores no corpo – ser galinha é cansativo. A certo ponto faz um movimento mais brusco com o pescoço e paralisa. Vai-se sentar na mala deixada por optimista cheia de dores como se tivesse um torcicolo.

Orador - ... é cada vez mais importante ser-se independente. Cada vez mais cedo. Ser-se capaz de usar avental ou encomendar pizza e escolher um vinho quando os amigos vão lá casa. Porque

é muito aborrecido passar as noite sozinho... Nós somos jovens e enérgicos. Não há cansaço nem envelhecimento. Aliás, não se pode dizer que haja vida depois dos 40. Há Lindor e Retinol C mas já não se pode comer salsichas e atum como quem faz sexo. Já não se faz sexo como quem come atum. E ninguém quer ficar com aquele corpo de depois dos 40. ninguém quer carregar aquele corpo que dá prioridade nos transportes públicos, por compaixão...

Fight entra por B com um saco grande do lixo cheio de objecto e uma cadeira desmontável debaixo do braço. Repara no estado miserável de Cool e vai mandando 'bocas'.

F – Então, o que é que se passa? Ficaste sem saldo? Já não há rede no planeta?

Cool não responde. Fight pousa as coisas e olha para ela sempre a uma certa distância.

F – Não devias andar assim... toma. *(Põe-lhe um casaco aos ombros e volta para junto das coisas)*

C – O que é isto?

F – Um casaco.

C – Para mim?!

F – Sim, é teu.

C (grito de alegria)– Ah! Um casaco... Tão... macio. *(entretanto Fight aproximou-se de novo dela)*
Obrigado! *(vai para dar um abraço a Fight mas este de repente volta-se para ir buscar mais uma coisa)*

F *(vai buscar uma cruzeta de madeira)* – Toma. Para guardares.

C *(olha bem para a cruzeta)* – Mas isto é... bom. Nunca pensei que tu...

F – Gostas?!

C – Se gosto?! Isto é fantástico é de marca. *(vai para lhe dar um abraço e ele volta a ir buscar mais coisas)*

Fight começa a ficar entusiasmado com a situação.

F – Olha, tenho isto aqui... É teu.

C – Meu?

F – It's yours baby!

C – Ai... é bom, não é? É muito bom não é?

F – É um geodo.

C – Um geodo?

F – Um geodo Austríaco.

C - ...da Áustria? Veio da Áustria... brilha!

F – Tens de usar assim com esta parte para cima.

C – Fantástico. E é meu!

F - Gostas, gostas? (*vai buscar tapete e estende-lho à sua frente.*)

C – este tapete é...

F – Azul cobalto!

C – Caro, bom, meu, lindo.

F – Senta-te! (*Cool senta-se e Fight vai buscar estátuas de pau preto*) Toma!... Norte.

C (*muito alegre*) – As tuas esculturas de pau preto...

F (*com outra estátua*) – Gostas? Outra... Sul!

C – Aaah!

F (*outra estátua*) – E ainda outra... Este! (*vai buscar outra*) Eu não sabia que eras apreciadora de arte africana.

C – Este é o dia mais feliz da minha vida.

F (*a última estátua*) – E finalmente o Oeste...

C – Ai eu gosto tanto, eu quero tanto...

F (*vai buscar a cadeira com que entrou*) – Eu não preciso disto...

Cool já está um pouco rodeada de coisas, Fight começa a dar-lhe coisas que estão no espaço.

F (*dá-lhe o banquinho do optimista*) – Toma, isto é bom para elevar as pernas... (*eleva-lhe as pernas e ela cai*)

C – Eu quero, eu quero, o que é?

F (*mala de optimista*) Uma mala

C – Como é, como é?

F (*não responde e vai buscar cartazes da manif*) – Olha recordações... eu dou-te!

C – Dá, dá!

F (*vai buscar o saco dele que ainda tem coisas*) – Eu dou-te lenços. Eu tenho muitos. Toma. (*despeja-lhe uma gaveta de lenços em cima*) Fica também com a gaveta ... eu já vou buscar o resto do móvel. Fica com o saco, vai guardando coisas..

C - Ai eu não posso, não posso...

Fight vai para sair por B e ir buscar o móvel quando tira um lenço do bolso

F – ... mais um lenço....

C - Já não consigo....

F - E se calhar precisas mais roupa... (*tira a camisa e coloca-a na cara dela. Vê-se o coldre e a arma que ele tem no corpo*) Toma.

Cool começa a ficar bastante sufocada com tudo o que tem. Apenas se vê o braço e a mão que segura o geodo. Fight já não a ouve.

F – Sapatos... São confortáveis... As meias... não sei se gostas deste padrão...

C (*mesmo aflita*) – Pára. Já não consigo respirar...

F (*não ouve, tira as calças*) - Toma, podes mandar subir as bainhas... (*dá-lhe as calças*) Olha, leva isto também. (*dá-lhe a arma e o coldre*)

Pausa

F (*grita*)– Tu gostas de boxers?

C (*em pânico*) – Não quero mais!

F – Eu dou-te os boxers.

C – Não quero mais nada teu.

F – Não queres mais?

C – Não quero mais nada teu!

Fight pára. Um pouco desconcertado olha para a cena em redor. Deprimido vai para o baloiço mais distante e senta-se. Repara que ainda está de relógio. Tira-o e estende-o para Cool que nem vê. Compreende a inutilidade do seu gesto e começa a dar à corda numa espécie de buraquinho autista sem reparar no que se passa à volta. Cool começa a sair do meio da tralha, de geodo na mão. Tenta arrumar algumas coisas sem largar o geodo. Não consegue e pousa o geodo. Continua a ensacar e emalar coisas. Entra o Optimista por B com a vassoura. Começa a varrer o lixo da praça na direcção do orador. Cool vê-o a varrer as suas coisas.

C – Isso é meu. Isso é meu. Estás a ouvir? Isso é meu.

Orador - ... e o que se está a perder é essa fantástica capacidade humana de desejar algo mais do que o pão quotidiano, desejar o sonho, desejar a utopia.

Optimista varre o geodo.

C – (*pega no geodo*) Pára. Estás maluco?

Optimista pára de varrer e fica a olhar para ela.

C – Isto é da Áustria. Tu és louco. Queres varrer isto? Que veio da Áustria? Tu sabes o que isto é? É da Áustria. Tu não estás a ver bem. Da Áustria que isto é. É caro, é bom. Sabes para que é que isto serve? Isto... isto é da Áustria. É Austríaco, percebes?

Entra mentira com um megafone

M – Jovens, jovens, eu pedia a vossa colaboração num pequeno estudo. Jovens, qual de vocês já esteve na Áustria?

Optimista e Cool olham para ela. Não respondem. Optimista volta a varrer e a Cool a arrumar. Tanto um como o outro vão pondo as coisas ao pé do orador.

M – Ninguém. E jovens, qual de vocês tem família na Áustria?

Optimista e Cool olham para ela. Não respondem. Optimista volta a varrer e a Cool a arrumar.

M – Ninguém. E jovens, qual de vocês tem amigos na Áustria?

Optimista e Cool olham para ela. Não respondem. Optimista volta a varrer e a Cool a arrumar.

M – Ninguém. E jovens, qual de vocês tem uma comida Austríaca favorita?

Optimista e Cool murmuram algo imperceptível, mas abandonam as ideias que podiam estar a formar. Optimista volta a varrer e a Cool a arrumar.

M – Um. E jovens, qual de vocês tem um músico Austríaca favorito?

C – Hã... eu sou mais americanos.

Optimista olha para a Mentira mas não responde. Optimista volta a varrer e a Cool a arrumar.

M – Um. E jovens, qual de vocês tem um escritor Austríaca favorito?

O – Não... é alemão.

Cool olha para a Mentira mas não responde. Optimista volta a varrer e a Cool a arrumar.

M – Bem jovens, e a pergunta final é: porque é que a Áustria está na União Europeia?

Optimista e Cool ficam a olhar para a Mentira e deixam definitivamente de varrer e arrumar. Mas o Optimista mantém na mão a vassoura e a Cool o geodo.

C – Porque é um país europeu.

F - Também a Islândia, a Turquia, a Suíça, a Polónia, a República Checa e a Eslovaca, a Hungria, a Roménia, a Bulgária, a Albânia, a Jugoslávia, a Noruega, a Moldávia, a Ucrânia, a Lituânia, a Rússia, a Bielo Rússia, a Letónia e a Estónia, a Crácia e a Bósnia, Malta	C – É europeu, não é? O – Porque juntos somos mais fortes. M – Muito bem, jovens. Mas digam-me: qual de vocês gostava de morar na Áustria?
--	--

Fight levanta o braço.

M – Tu, jovem! Gostavas de viver na Áustria? E porquê?

F – Porque é limpinha.

M – Só por isso jovem?

F – É arrumadinha,

M – Levanta-te!

F – *(levanta-se)* os passeios são limpos,

M – Para a frente, jovem.

Fight anda para a frente, Mentira sobe para a árvore, deixando o megafone cá em baixo. Passa a ter microfone e a estar em todas as colunas.

F - tem montanhas, tem cabanas nas montanhas

M – Mais alto!

F - tem televisão, tem relva bem cortadinha

M – Jovem, consegues dizê-lo a cantar?

F – Áustria, Áustria, Áustria

M – Bom começo, jovem!

<p>F (<i>começa a cantar</i>) - País onde eu quero viver Nos passeios tão limpos A ver televisão. Áustria, Áustria, Áustria É o país para mim.</p> <p><i>Entra o musical</i></p> <p>F - Tão perto da Rússia Longe do Japão Tantas horas do Cairo A milhas do Irão</p> <p>Áustria, Áustria, Áustria País onde eu quero viver Uma casa ou uma tenda Na montanha ou no bar Áustria, Áustria, Áustria (Eu) quero lá morar.</p>	<p><i>Cool e Optimista atónitos</i></p> <p>C – ele não vai cantar, ele não vai cantar. Ele está a cantar, ele está a cantar.</p> <p>M – Isso! Que emotivo!</p> <p>M – Vamos. É lindo! <i>Optimista começa a balançar ao ritmo da música e tenta entrar. Junta-se ao Fight num verso</i></p> <p>O - Áustria, Áustria, Áustria</p>
--	--

Fight e Optimista cantam juntos na frente a primeira estrofe, Cool a olha para todos os lados sem saber o que fazer.

F e O – Áustria, Áustria, Áustria / País onde eu quero viver / Nos passeios tão limpos / A ver televisão.

M – Que bonito!

F e O - Áustria, Áustria, Áustria / É o país para mim.

M (*para a Cool*) – Junta-te a eles, jovem!

Optimista abre para a Cool se juntar a eles.

F, O e C - Áustria, Áustria, Áustria

M – Braços no ar

Cool pousa o geodo e Optimista larga a vassoura. Eles cantam de braço no ar.

F, O e C - País onde eu quero viver / Nos passeios tão limpos / A ver televisão.

M – é a última volta

Eles defasem a linha, ficam voltados uns para os outros

F, O e C - *Áustria, Áustria, Áustria / É o país para mim.*

Fight encerra a música. Sai o musical e começa a entrar baixinho o merdley.

F – *É o país para mim.*

M – *Que momento bonito e nós estamos cá para ver. Como cantam bem! E dançar, será que dançam. Têm trinta segundos a partir deste momento para criar uma coreografia em conjunto.*

Orador - *Começa a encarar a hipótese de que um dia vais morrer*

Merdley sobe bastante. Eles começam a abanar-se ao ritmo da música e a olharem-se sem saber o que fazer, enquanto recuam. Cool assume a liderança. Fala enquanto demonstra e os outros seguem-na.

C – *Ok. Eu fico à frente. Pomo-nos em filinha (Optimista põe-se atrás dela e Fight atrás dele). Ok. Alternados. Eu vou para a esquerda, depois direita. Com palminhas. (eles seguem-na e começam a andar em frente). Ok. Desfaz. Eu fico no meio. Esquerda, direita (eles hesitam sem perceber) Esquerda, direita (eles ladeiam-na) Isso. Pegam em mim (eles pegam um em cada perna, Fight a direita, Optimista a esquerda)*

M – *Passaram os 30 segundos. Estão prontos? Agora é a sério.*

Eles voltam para trás.

M – *Como sabem o público, durante a coreografia, vai decidir quem é menos divertido para ser eliminado. Têm 30 segundos para se despedir.*

Eles trocam apertos de mão sem desfazer as posições iniciais da coreografia

M – *Que frouxo. Então ? Têm 30 segundos para a despedida.*

Cool e Optimista dão dois beijinhos, Optimista e Fight dão um abraço, Fight e Cool dão dois beijinhos. Voltam às posições.

M – *Mais emoção. Só têm 30 segundos!*

Eles olham-se sem saber o que fazer por uns instantes.

C – *(estendendo as mãos aos dois) Eu adoro-vos, adoro-vos.*

Eles dão as mãos.

O – *Eu também!*

F – *Eu...*

Abraçam-se, saltam abraçados aos berros.

M – *Muito bem, vamos começar*

Eles fazem a coreografia. A Mentira atira-lhes milho. Quando a Cool está em cima.

M – *O público já escolheu. O sniper está pronto. Quem será abatido?*

Eles voltam às posições de início da coreografia. Tentam fazê-la, mas não conseguem. Dançam com movimentos rápidos e cortados como quem foge a balas. Depois Fight foge para trás do lixo e só se vê ora uma mão, ora o rabo a abanar. Optimista tenta esconder-se atrás de lixos pequenos à beira da árvore, sempre a dançar. Cool percebe que está sozinha ao centro. Vai buscar uma mala e dança protegida por ela, frente à árvore. Fazem todos "U, U". A mira da arma gira um pouco por todo o lado. O Optimista larga os seus lixinhos para se esconder atrás da Cool. Ela larga a mala. Fight vê-os e corre para eles. Tenta pôr-se no meio. Lutam pelo lugar do meio até ficarem caídos no chão, ao pé do lixo.

OFF – BASTA!

Tudo pára

Orador – se morresses agora o que é que pensavas da tua vida?

Fight levanta-se, sacode as mãos e vai procurar a camisa. Cool levanta-se e sacode e arranja a roupa, ensaiando poses de miss à espera do resultado do concurso. Optimista levanta-se, sacode as mãos e os joelhos e procura algo.

F (*a vestir a camisa*) – acho que devia ter sido mais simpático... e menos arrumadinho...

O – eu vou-me embora (*vai para a mala*)

F – mas sobretudo mais simpático... mesmo que não fosse sincero... devia ter sido mais simpático.

Optimista chega à mala e, de cócoras, verifica o seu estado. Põe-na direita e quando se levanta e se prepara para agarrar a mala a Cool senta-se na mala, continuando as poses de miss. Optimista olha para ela, observa duas mudanças de pose e desiste da mala. Avança para a vassoura e começa a varrer (a construir o trilho de milho na diagonal, linha paralela a B para A). De cima da árvore a Mentira atira uma carta. Os três olham para a carta, a Cool corre para ela e agarra-a.

C – É para mim!

Abre, orgulhosa e vai lendo enquanto os outros observam. A sua expressão vai mudando para o choque à medida que lê. Quando acaba, fica com a carta na mão, a falar de modo imperceptível.

C – Eu? Eu? Eu... vou morrer! (*fica sem palavras. Fight vai-se aproximando para perceber o que aconteceu*) Não pode ser! Não pode ser! Eu? É impossível! Não me podem fazer isto! Eu... fora? Puseram-me fora??!!

Fight (*percebendo e começando a divagar*) – Ah! Então expulsaram-te? Estás fora... out... rejeitada... não te querem... não pertences... bye-bye...

Optimista também já percebeu e recomeça a varrer. Fight procura as calças no lixo.

C – Não pode ser! Não há pior humilhação! Vocês não compreendem, ninguém pode compreender! Eles não podem fazer isto! Se calhar foi um engano! É isso! Foi engano! (<i>volta a ler a carta e o envelope</i>) Não, é mesmo para mim! Não é possível! (<i>deita fora a carta</i>) Já sei, vou fingir que não recebi! Vou agir como se estivesse tudo normal e ninguém vai perceber! (<i>desesperada</i>) Como é que eu vou andar na rua agora? O que é que as pessoas vão dizer?	F - adiós... foste corrida... enxotada... excluída... estavas dentro, agora estás fora <i>Esquece-se da procura, começa a jogar consigo próprio. Um passo há frente, volta para trás.</i> F – In, Out, In, Out, In, Out. You're out. You're way out. Caput.
--	---

(tenta reagir) Se calhar dá para subornar alguém! Não... não dá, pois não? Já sei vou-me vingar! Vou fazer uma desgraça e toda a gente vai notar! Isto não fica assim! Se eu estou fora então ninguém fica!

Cool começa a recuperar o ânimo e assume uma postura desportiva.

C – Se calhar isto até foi pelo melhor. No fundo até é bom! Agora eu tenho um objectivo na vida: entrar outra vez! Tenho de começar a preparar-me! *(começa a correr à volta da árvore)*... se eu me esforçar eu consigo! Eu sei que consigo! *(corre)* Só porque eu faltei a umas sessõezitas! Só porque não paguei algumas quotas! Só porque no outro dia fui vestida de roxo, só porque andei metida com o marido da chefe e toda a gente descobriu e houve uma grande discussão e toda a gente andou à porrada e partiram tudo com cadeiras! Só porque quando saí bati a porta com muita força! Só porque não tinha nota... não tinha... não tinha a nota mínima... só porque pesava dez quilos a mais... só porque tenho cabelo e olhos castanhos... se calhar é porque bebo iogurtes sem ser dos magros... se calhar é porque bati num colega quando era miúda, se calhar é porque eu faltava à escola e fingia que estava doente, punha o termómetro no chá para parecer que tinha febre... se calhar é porque eu tinha más notas a Matemática... ou porque... porque... me canso muito quando corro... mas ainda aguento mais um bocadinho!... se calhar é porque gasto muito dinheiro no telemóvel... ou porque voltei a viver com os meus pais... se calhar é porque eu gosto mais de baunilha do que chocolate e toda a gente gosta mais de chocolate e eu tenho a mania de gostar de baunilha... se calhar é porque não li os "Maias" até ao fim, ou porque não forrava os livros com papel transparente, punha sempre papel cor-de-rosa... se calhar é porque desisti do ballet a meio... se calhar é porque não sou muito conhecida nem tenho um emprego fixe... se calhar é porque não sou casada nem tenho filhos... se calhar é porque não sou madrinha de ninguém... se calhar é porque não sou perfeita, mas se conseguir ser vou entrar outra vez... e eu vou conseguir!!! *(Ela ignora o banco que lhe estendem, sente-se tentada a sentar nos baloiços, mas resiste e tenta mais um pouco)* Se calhar é porque quando tenho sede bebo cola e não água... se calhar é porque... tenho dor de burro... quando corro muito...

Retoma a busca das calças, encontra-as e veste-as. Volta ao lixo, à procura não sabe bem do quê.

Fight e Optimista param a olhar para ela

Fight estende-lhe o banco que estava no lixo.

Cool desiste, senta-se num baloiço a respirar com dificuldade.

C – É difícil... é difícil... (*respira*)... já estou a ficar bem... (*respira*)... um copito de água e a coisa vai ao sítio (*respira*)... é só relaxar para não entrar em pânico (*respira*)... às vezes as pessoas entram em pânico (*respira. Com raiva*) NÃO TENHAM PENA DE MIM! (*respira*) Não me passem a mão pelo cabelo! Não suporto palmadinhas nas costas! (*Calma outra vez*) O que é preciso é não entrar em pânico! Para encontrar a solução. (*respira*) E eu já tenho a solução...

Fica sentada, exausta.

Optimista volta a varrer. Fight senta-se no banquinho de sapatos na mão. Mentira desce da árvore e vai para o fundo. Fica imóvel a observá-los.

Orador – Partir e procurar o equilíbrio no movimento. Absorver o que fica para lá do corpo, o oásis no meio do deserto: a nossa casa, o espaço em que conseguimos o nosso equilíbrio. O nosso reino.

Procurar esse espaço na poesia do instante, na irrealidade do movimento. Ter saudades do futuro. Aceitar essa incessante busca.

Recusar a inevitável perversão do nosso espaço pelas mãos sujas que o apertam.

Partir em busca desse reino que talvez nunca chegue.

A arte é um acto de resistência, que devia celebrar a vida. Mas hoje não há nada para celebrar. Celebrar é fazer parte da Mentira.

E ainda assim temos de fazer arte. Não é brilhante, é o mundo que temos.

Cool vê o trilho de milho, avança para ele e começa a apanhar os grãos um a um. Optimista vê-a, larga a vassoura e põe-se a apanhar também. Fight vê-os, larga os sapatos e fica sentado a comentá-los.

F – Dois grãos de milho que ficaram para trás. Perdidos para sempre.

Cool e Optimista olham-se e continuam a apanhar os grãos.

F - Os olhos dele derramaram searas... não searas não... /Os olhos dele verteram lágrimas amarelas... azuis como grãos de milho. Não... /Os olhos dele verteram lágrimas azuis como grãos de mar. Marco e Inês.

Cool e Optimista começam a apanhar os grãos mais depressa. E de vez em quando trocam olhares.

F - Por este andar nem amanhã... /Por este rastejar nem amanhã

Cool tenta medir com a perna a distância que a separa do Optimista. Optimista sorri do gesto dela. Continuam a apanhar grãos e a trocar olhares.

F - Ri-te, ri-te que amanhã chorarás!/Sorri-te!.../ Sorrite: doença infecciosa do foro auditivo com sintomas de riso descontrolado e desejo súbito... Súbito.../Súbito: Mamífero de climas tropicais.

Cool e Optimista arfam sorrisos enquanto apanham grãos, continuando a trocar olhares.

F – Pôncio. Arfar/Ao/Respirar/Ao/Inspirar/Ao/Expirar/E/Engolir ar/Sem/Sofregar/Ou/Suspirar/Mas/Murmurar

Cool começa a suspirar "Está quase". Continuam a apanhar grãos e a trocar olhares.

F - Está quase . dizia ela enquanto suspirava de uma mão e deixava tudo a perder pela outra./
Schiul – disse ele enquanto. Reticências. André.

Fight assobia "Over the rainbow" e a sua atenção passa dos outros dois para a árvore por cima de si.

Orador - Se cada um de nós tiver um dólar e os trocarmos, cada um de nós ficará com um dólar.
Se cada um de nós tiver uma ideia e a trocarmos, cada um de nós fica com duas ideias.

Fight vê os frutos, põe-se em pé em cima do banco, mãos esticadas a tocar-lhes. Pára de assobiar. Tira um, abre e lê.

F – António

Cool e Optimista largam o milho e correm um para o outro. Quando quase se tocam toca o telemóvel do Optimista. A Mentira tem um telemóvel na mão. É o "Verão Azul". Cool e Optimista param. Optimista fica em imóvel a hesitar. Cool recua até à árvore.

F – António Ramalho Eanes. António Oliveira Salazar. António Lobo Antunes. António com três nomes. *(tira outro fruto e lê)* Joca.

Optimista desliga o telemóvel e vai ter com a Cool à árvore. Cool tira um fruto. Ele tira outro. Sorriem um para o outro.

F - Joca está errado. Era Juca. O avô dele fazia azeite.

C (lê) - Uma boneca do tamanho de uma mão com mais de vinte fatos diferentes.

Cool começa a ver a boneca na sua mão, brinca com ela e mostra-a, girando sobre si própria.

O (lê) – O 1º dia de aulas no liceu, havia muito sol, encontrámo-nos no centro para ir a pé para a escola.

Optimista de pernas abertas a andar no mesmo sítio. Fight tira outro fruto, abre-o e lê.

F – Zeca e Luísa.

O - Tinhas uma mochila enorme. Eras uma mochila com pernas.

F – *Zzzz, zeca, zzzz, zeca, zeca.*

Optimista tira outro fruto e lê.

O – Ir roubar discos com o Pedro.

F – Zeca, zeca, zeca. Cazeca. Vou comprar uma cazeca.

Orador pára de falar e senta-se no Capitel a descansar. Optimista emita pôr discos dentro da camisa e andar esquisito com os discos escondidos. Cool tira outro fruto. E lê.

C – A hora do jantar a vir e os pais a chamar à janela. Uma vez um, uma vez outro.

F – Luísa, luísa, luísa. Saluí. Estou com frio, quero um saluí.

C - *(apontando com a cabeça a porta A ao Fight)* Vai para casa, vai para casa.

F - je veux un zecaluisse.

Optimista tira outro fruto e lê.

O - Os dias de sol em que passeava com os meus pais e eles me contavam histórias.

C - e depois eles disseram que era borrego, e era a tua comida favorita, e tu desataste a correr para casa, pelas escadas acima.

Optimista anda em frente de mão estendida para cima com um miúdo que dá a mão aos pais. Fight tira outro fruto e lê.

F - Manuel, Zé Maria, Bruno.

O - olha para mim.

F - Que nome tão comprido.

Optimista vai andando cada vez mais baixo. Cool tira outro fruto e lê

C - O quarto do meu irmão com ele a dormir.

F - Manuel, Zé Maria, Bruno e Henrique desapareceram ontem de casa dos seus pais.

Optimista deitado no chão. Cool vai até ele.

C - *(grita)* Acorda! *(corre para trás)*

F - Mr Bruno, you have a call at the reception.

Cool tira outro fruto e lê

C - O bolo de chocolate da mãe da Catarina.

Fight tira outro fruto e lê

F - Sr. Ferreira. *(comenta)* Ou eu me engano muito, ou esta gente já está toda morta. Já ninguém se chama Senhor.

Cool leva as mãos à boca como se estivessem cheias de bolo. Optimista tira outro fruto e lê

O - o dia em que eu faltei ao funeral do meu avô.

F - O Sr Ferreira costumava dizer: vai e troca o passo.

C - *(para o Optimista)* só mais quatro fatias.

O - se eu trocar o passo ainda posso ir ao funeral.

Optimista anda para a frente a trocar o passo. Cool mexe a boca como se estivesse cheia de bolo.

Fight tira outro fruto e lê

F - Cláudia Coelho

C – Não tenho dentes. *(a mostrar os dentes ao Optimista)*

O – Não. *(desiste do andar trocado)*

F – A receita da Cláudia Coelho é simples.

Cool tira outro fruto e lê

C – O dia em que choveu tanto, tanto, e eu estava sem guarda-chuva, comecei a saltar nas poças sem querer saber do estado em que ia chegar a casa... cheguei cheia de lama.

Optimista tira outro fruto e lê

O – a minha indecisão perante três marcas de preservativos diferentes.

Cool corre pela praça a saltar de poça em poça

F – Não se pode usar vinho, só binho.

Optimista a olhar a montra imaginária vai fazendo um-dó-li-tá

C – *(já parada e para o Optimista)* E a mãe a ralhar. Eu não te disse rapariga. Eu não te disse rapariga.

F – Põe-se a Cláudia a marinar.

O – Eu volto mais tarde.

C – *(com violência)* Sacode-te rapariga, sacode-te rapariga.

Optimista tira outro fruto e lê

O – O dia em que finalmente consegui fazer uma omelete

Cool tira outro fruto e lê

C – Faltar às aulas de Ballet para ir comer folhados de chantilly

F – Se o Lúcio é um peixe e o coelho é um mamífero, quem raio é a Cláudia?

Optimista atira-se para o chão como quem marca um golo. Cool arranja a pose de bailarina.

O – Vocês não estão a ver. Vocês não imaginam.

Fight tira outro fruto e lê

F – Mariana

Cool estende um braço, primeiro para o Optimista, depois apontando em frente

C – Olhe, era aquele ali com muito chantilly

O – É que foi o ano passado. E é fantástico.

F – Mistura de Maria e Ana. Se eu me lembrar da Maria e da Ana, lembro-me da Mariana.

Cool tira outro fruto e lê

C – O dia em que brincávamos às escondidas e eu fui para casa, os outros ficaram à minha procura sem saber.

Optimista tira outro fruto e lê

O – Eduardo. (*explica*) O postal que a minha avó escreveu ao irmão.

F – Mar e Ana. Mar ia na... onda.

Cool escondida atrás do lixo

C – o último livra todos, o último livra todos.

Optimista senta-se no baloiço central. Fight tira outro fruto e avança em frente com ele na mão, sem o abrir. Cool sai detrás do lixo.

C – quem falta? Quem é que falta?

Cool tapa os olhos a Fight, por trás dele.

O – Eduardo: Chegámos ao fundo./Sabes qual é o dia?/Lembras-te quando/ aos 13 anos/ eu e tu/ fomos vender peixe/ e que chegámos ao rio/ e a ponte tinha sido levada pela água/ e nós voltamos para casa com o peixe todo/e o peixe apodreceu em nossa casa?/ Eduardo/ aquele fedor é o perfume da minha vida.

F – (*a tocar a Cool*) Mão, braço, pele macia, boca, olhos...azuis (*deixa cair a mão*), cabelo comprido, estava a chover, estavas parada, sorriste para mim, eu disse: ainda bem que vieste, só podias ser tu.

Cool larga-o, eles olham-se. Ela constrangida, ele desiludido.

C – (*murmura*) Desculpa.

Fight abre o fruto e lê

F – Ana

Cool tira um fruto da árvore e lê

C – Pelau

F – Ana, ana, ana, ana, ana...

Cool senta-se num baloiço, à esquerda do Optimista

C – Vocês não imaginam o que é o pelau. Pelau é a receita secreta da minha tia. Quando ela fazia, a família juntava-se toda e eu e os meus primos tínhamos uma mesa só para nós. Sentávamo-nos impacientes à espera da comida e quando aquela papa vermelha com pedaços chegava sentávamo-nos como adultos a comer comida de gente crescida, comida picante.

Cool perde-se a imitar os miúdos sentados à mesa. Fight senta-se no último baloiço

F – Ana/comprei um cavalo/e os arreios também/ para o fazer correr/Mas/outro sonho maior/ comprei uma cama grande/onde é tudo vidro/ e vemos o vento e a chuva/ e tem a almofada/ onde podemos deitar as nossas cabeças/ Ana/ Olha para mim/ tenho os olhos castanhos.

C - O pelau leva frango desfiado, amendoim e provavelmente muito picante. É macio, escorrega bem na boca e de vez em quando o frango cola-se nos dentes.

Mentira sobe para o capitel, agarra o microfone. Orador olha-a. Os outros estão perdidos nas suas memórias.

M – Esta memória funde-se e confunde-se em mim com tantas outras recordações da minha infância. *(entram os violinos)*

As brincadeiras com os colegas de escola, as longas horas de estudo, a espera pelo meu pai que regressava tarde do trabalho e aparecia à porta com o seu sorriso. Era como se na casa tivesse entrado o sol. Meu pai tão querido, meu pai tão meigo. E com ele, depois de ter falado do estudo, da escola, logo falávamos de futebol e do clube do nosso coração, quase a encarnação dos nossos sonhos. “Vais ver pai, vamos ganhar, temos de ganhar”, dizia eu, como se também nós os dois pudéssemos entrar em campo. E depois o ritual da missa ao Domingo de manhã, o desvio para comprar morangos para a mãe que nos esperava em casa, na cozinha, a preparar um almoço especial, o único que acontecia na sala com a toalha bordada e flores no meio da mesa.

Orador levanta-se e procura a arma da Mentira

M – *(continua)* E eu sempre a perguntar as horas, impaciente, com medo que se fizesse tarde. Finalmente, de mãos dadas, estávamos à porta do estádio, eu a fazer-me pequenina pequenina para podermos entrar só com um bilhete. Era o coração apertado pela espera, os abraços das vitórias, a tristeza dos maus resultados. E o meu pai que me consolava: “Vais ver que conseguimos!”. Querido pai, das noites em claro, com o trabalho que trazia para casa para equilibrar as finanças. Como são doces estas recordações...

Orador põe-se em frente à Mentira e aponta-lhe a arma. Mentira ri-se e vem também para a frente. Orador atira a arma fora, procura no lixo a arma do Fight, pega nela e dispara contra a Mentira. Mentira desiste, cai ao chão. Olha e vê que continua vigiada, ajeita-se no chão, e fica imóvel, olhos fechados, cara para o público. Orador volta para o Capitel e senta-se. Fica a olhar a Mentira de arma na mão.

C – Às vezes a meio da sobremesa, ainda se descobrem fios de frango que ficaram no meio dos dentes.

O – Eduardo: aquele fedor é o perfume da minha vida.

C – Eu ainda consigo sentir esses fios de frango...

F – Ana: olha para mim, tenho os olhos castanhos.

Cool mima o gesto de tirar fios de frango dos dentes e nesse movimento cai do baloiço. Entra “Enquanto houver estrada para andar”. O baloiço da Cool balança. Todos o olham. Ela empurra-o a medo, o chão, com a mão e o pé. Depois senta-se e balança. Aprende a andar de baloiço. Os outros dois observam-na e imitam-na. Aprendem também. A Mentira no chão abre os olhos. Orador continua a olhá-la. Fight, Optimista e Cool andam de baloiço divertidos.

FIM